

## O DESENVOLVIMENTO DO SENTIDO DE REALIDADE E SEUS ESTÁGIOS\*

Sandor Ferenczi

Freud mostrou que o desenvolvimento das formas de atividade psíquica própria ao indivíduo consiste na substituição do princípio de prazer predominante na origem e do mecanismo de recalçamento que lhe é específico pela adaptação à realidade, ou seja, à prova de realidade fundamentada num julgamento objetivo. Do estágio psíquico “primário”, tal como se manifesta nas atividades psíquicas dos seres primitivos (animais, selvagens, crianças) e nos estados psíquicos primários (sonho, neurose, fantasia), surgirá, portanto, o estágio secundário, o do homem normal em estado vígil.

No começo do seu desenvolvimento, a criança recém-nascida tenta chegar ao estado de satisfação somente através da violência do desejo (representação), negligenciando (recalcando) simplesmente a realidade insatisfatória para supor presente a satisfação desejada mas ausente; pretende, pois, cobrir todas as suas necessidades sem esforço, mediante alucinações positivas e negativas. “é somente a ausência persistente da satisfação esperada, a decepção, que leva ao abandono dessa tentativa de satisfação de modo alucinatório. Em seu lugar, o aparelho psíquico teve de resolver-se a representar o estado real do mundo externo e a procurar a modificação real deste último.

Desse modo, foi introduzido um novo princípio de atividade psíquica: o que era representado não era mais o que era agradável, mas o que era real, mesmo que isso tivesse de ser desagradável”(1).

No importante estudo onde ele expõe esse fato fundamental da psicogênese, Freud limita-se a distinguir com nitidez o estágio – prazer do estágio-realidade. Preocupa-se, claro, com os estados intermediários onde coexistem os dois princípios do funcionamento psíquico (fantasia, arte, vida sexual), mas deixa sem respostas a questão de saber se é progressivamente ou por etapas que a forma secundária da atividade psíquica se desenvolve a partir da forma primária e, por outro lado, se é possível distinguir tais etapas ou descobrir seus derivados na vida psíquica normal ou patológica.

Num artigo anterior, onde nos fornece aspectos profundos da vida psíquica dos neuróticos obsessivos(2), Freud, entretanto, chama a nossa atenção para um fato que poderíamos aceitar como ponto de partida para tentar eliminar o hiato que existe entre os dois estágios do desenvolvimento psíquico, o estágio-prazer e o estágio-realidade.

Os obsessivos que se submetem a uma análise, lê-se nesse artigo, reconhecem não poder desfazer-se de sua crença na onipotência de seus pensamentos, de seus sentimentos, de seus bons ou maus desejos. Por mais esclarecidos que sejam, por mais forte que seja a oposição feita por sua instrução e sua razão, eles continuam alimentando o sentimento de que seus desejos, de um modo inexplicável, realizam-se. Todo analista pode facilmente convencer-se desse estado de coisas. O obsessivo, constatará o analista, tem a impressão de que a felicidade e a infelicidade dos outros, inclusive sua vida e sua morte, dependem de algumas de suas ações e de seus processos de pensamento, inofensivos em si mesmos. É compelido a evocar certas fórmulas mágicas ou a executar uma ação determinada: caso contrário, um grande infortúnio acontecerá a tal ou qual pessoa (na maioria das vezes, um parente próximo). Essa convicção intuitiva e supersticiosa nem sequer é abalada por repetidas experiências que a desmentem(3).

Deixemos de lado, de momento, o fato de que a análise vai descobrir nesses pensamentos e nesses atos obsessivos substitutos de moções de desejo perfeitamente lógicos, mas recalçados porque intoleráveis(4), e concentremos a nossa atenção unicamente na forma específica em que esses sintomas obsessivos se apresentam: devemos admitir que eles já constituem em si mesmos um problema.

A experiência psicanalítica levou-me a considerar esse sintoma, o sentimento de onipotência, uma projeção da nossa percepção de ter de obedecer como escravos a certas pulsões irreprimíveis. A neurose obsessiva é um retorno da vida psíquica a uma etapa infantil do desenvolvimento, caracterizada, entre outras coisas, pelo fato de que a atividade de inibição, de adiamento e de elaboração do pensamento, ainda não se interpôs entre o desejo e a ação, e de que o desejo é espontânea e infalivelmente seguido do gesto próprio para realizá-lo: um movimento de evitação da fonte de desprazer ou a aproximação da fonte de prazer (5).

Em conseqüência de uma inibição do desenvolvimento (fixação), uma parte da vida psíquica do obsessivo, mais ou menos subtraída à sua consciência, permaneceu, pois – como a análise o mostra – nessa etapa infantil, e dá-se a assimilação do desejo e da ação porque essa parte recalçada da vida psíquica não pôde aprender, em virtude do próprio recalçamento, do retraimento da atenção, a distinguir os dois processos; em contrapartida, o ego, que evoluiu sem recalçamento, instruído pela educação e pela experiência, não pode deixar de sorrir de tal assimilação. Daí resulta a discordância do obsessivo: a coexistência inexplicável da lucidez e da superstição.

Essa explicação do sentimento de onipotência como fenômeno auto-simbólico(6) não me satisfez inteiramente, levando-me a indagar: onde a criança adquiriu a audácia suficiente para assimilar pensamento e ação? De onde vem essa naturalidade com que estende a mão para não importa que objeto, seja a lâmpada suspensa acima dela ou a lua que brilha ao longe, com a esperança certa de alcançá-las e de se apoderar delas por esse gesto?

Lembrei-me então de que o obsessivo, segundo a hipótese de Freud, “confessa francamente uma parte de sua antiga megalomania infantil” em sua fantasia de onipotência, e procurei averiguar a origem dessa ilusão e seguir seu destino. Esperava, ao mesmo tempo, aprender algo de novo acerca da evolução do ego, desde o princípio de prazer até o princípio de realidade, porquanto me parecia provável que a substituição, imposta pela experiência, da megalomania infantil pelo reconhecimento do poder das forças da natureza constituía o essencial do desenvolvimento do ego.

Freud qualifica de ficção uma organização que seria escrava do princípio de prazer e desprezaria a realidade do mundo externo e é, no entanto – diz ele – praticamente o que acontece com o bebê, desde que se leve em conta os cuidados maternos(7). Acrescentarei que existe um estado do desenvolvimento humano que realiza esse ideal de um submetido unicamente ao prazer e não só na imaginação e de maneira aproximada, mas na realidade e de modo efetivo.

Refiro-me ao período da vida passado no corpo da mãe. Nesse estágio, o ser humano vive como parasita do corpo materno. Para o ser nascente mal existe “um mundo externo”; todos os seus desejos de proteção, de calor e de alimento estão assegurados pela mãe. Ele não precisa sequer fazer qualquer esforço para apoderar-se dos nutrientes e do oxigênio que lhe são necessários, já que mecanismos apropriados se encarregam de fazer chegar essas substâncias diretamente aos seus vasos sanguíneos. Em comparação, um verme intestinal, por exemplo, deve fornecer muito trabalho, “modificar o mundo externo” se quiser subsistir. A sobrevivência do feto, pelo contrário, incumbe inteiramente à mãe. Portanto, se o ser humano tem uma vida psíquica, mesmo inconsciente, no corpo materno – e seria absurdo acreditar que o psiquismo só começa a funcionar no momento do nascimento – ele deve ter, pela própria circunstância de existir, a impressão de que é realmente onipotente. Pois o que é onipotência? é a impressão de ter tudo o que se quer e de não ter mais nada a desejar. é o que o feto poderia pretender no que lhe diz respeito, já que possui constantemente tudo o que lhe é necessário à satisfação de suas pulsões(8) portanto, nada tem a desejar, é desprovido de necessidades.

A “megalomania da criança” quanto à sua própria onipotência não é, portanto, pura ilusão; a criança e o obsessivo nada pedem de impossível à realidade, quando sustentam com obstinação que seus desejos devem necessariamente cumprir-se; apenas exigem a volta de um estado que existiu outrora, a volta desses “bons tempos” em que eram onipotentes. (Período da onipotência incondicional)

Com o mesmo direito que nos permite supor a transferência para o indivíduo dos traços mnésicos da história da espécie, e até com mais fortes razões, podemos sustentar que os traços dos processos psíquicos intra-uterinos não deixam de exercer influência sobre a configuração do material psíquico que se manifesta após o nascimento. O comportamento da criança imediatamente após o nascimento fala a favor de uma tal continuidade dos processos psíquicos(9).

O recém-nascido não se adapta de maneira idêntica, no que se refere a suas diferentes necessidades, a essa nova situação, que é manifestamente para ele uma fonte de desprazer. Imediatamente após o “parto”, ele começa a respirar para suprir a ausência de abastecimento de oxigênio em consequência da ligadura das artérias umbilicais; a posse de um aparelho respiratório pré-formado desde a vida intra-uterina permite-lhe remediar de imediato e ativamente a privação de oxigênio. Entretanto, quando observamos os outros comportamentos do recém-nascido, temos a impressão de que ele não está nada encantado com a brutal perturbação ocorrida na quietude isenta de desejos de que desfrutava no seio materno, e até mesmo que deseja, com todas as suas forças, reencontrar-se nessa situação. As pessoas que cuidam da criança compreendem instintivamente esse desejo e, assim que manifesta seu desprazer com choro e agitação, colocam-na em condições que se aproximam o mais possível da situação intra-uterina. Põem-na fundo do corpo tépido da mãe ou envolvem-na em cobertores e edredons quentes e macios, com o objetivo manifesto de lhe dar a ilusão da cálida proteção materna. Protegem seus olhos dos estímulos luminosos, os ouvidos dos ruídos, a fim de permitir-lhe continuar desfrutando da ausência de excitações próprias do estado fetal, ou então reproduzem as estimulações suaves e monótonas de que a criança não está isenta nem mesmo no útero (balanço quando a mãe se desloca, sons cardíacos maternos, ruídos abafados filtrando-se do exterior até ao interior do corpo), embalam-na e cantam-lhe cantigas de ninar, de ritmo monótono.

Se tentarmos nos identificar com o recém-nascido não só no plano afetivo (como fazem as pessoas que dele cuidam), mas também no plano do pensamento, devemos admitir que os gritos de aflição e angústia e a agitação da criança constituem uma reação muito mal adaptada, na aparência, à perturbação desagradável que subitamente ocorreu, em virtude do nascimento, na situação de satisfação de que usufruía até então. A partir das reflexões expostas por Freud na parte geral da A Interpretação de Sonhos, podemos supor que a primeira consequência dessa perturbação foi o reinvestimento alucinatório do estado de satisfação perdido: a existência tranqüila no calor e na placidez do corpo materno. Por conseguinte, o primeiro desejo da criança não pode ser outro senão o de se reencontrar nessa situação. E o mais curioso é que essa alucinação da criança – com a condição de que se ocupem normalmente dela – realiza-se efetivamente. Logo, do ponto de vista subjetivo da criança, a “onipotência” incondicional de que desfrutava até então só se modificou na medida em que deve investir o que deseja de modo alucinatório (representar) mas sem ter de modificar mais nada no mundo externo a fim de obter efetivamente a plena realização de seus desejos. Não tendo por certo, nenhuma noção do encadeamento real de causas e efeitos, nem da existência e atividade das pessoas que cuidam dela, a criança é levada a sentir-se na posse de uma força mágica, que é capaz de concretizar todos os seus desejos mediante a simples representação de sua satisfação. (Período da onipotência alucinatória mágica)

Pelo efeito produzido pela atividade delas, vê-se que as pessoas encarregadas de cuidar da criança adivinharam suas alucinações. Assim que foram tomadas as medidas elementares a criança acalma-se e “adormece”. O primeiro sono é, portanto, a reprodução bem-sucedida da situação intra-uterina que preserva, tanto quanto possível, das excitações externas, com a provável função biológica de concentrar a totalidade da energia nos processos de crescimento e regeneração, sem ser perturbado por uma tarefa exterior a realizar. Considerações que não podem ser expostas neste contexto convenceram-me de que mesmo o sono posterior nada mais é senão uma regressão periódica e repetida ao estágio de onipotência alucinatória mágica e, por esse intermédio à onipotência absoluta da situação intra-uterina. Segundo Freud, cabe supor em todo sistema que vive segundo o princípio de prazer a posse de mecanismos que lhe permitem escapar aos estímulos da realidade(10). Parece que o sono e o sonho são as funções preenchidas por esses mecanismos, ou seja, os resíduos da onipotência alucinatória da criança pequena que subsistem na vida adulta. O equivalente patológico dessa regressão seria a realização alucinatória dos desejos nas psicoses.

Como o desejo de satisfações pulsionais surge periodicamente sem que o mundo externo tenha conhecimento do instante em que a pulsão se manifesta, a representação alucinatória da realização do desejo não bastará em breve para acarretar efetivamente a realização do desejo. Essa realização está vinculada a uma nova condição: a criança deve produzir certos sinais, por conseguinte, efetuar um trabalho motor, mesmo inadequado, a fim de que a situação se modifique no sentido de seus desejos e de que “a identidade de representação” seja seguida pela “identidade de percepção” satisfatória(11).

O estágio alucinatório já se caracterizava Pelo aparecimento de descargas motoras descoordenadas (gritos, agitação), no momento em que surgiam afetos de desprazer. A criança utiliza agora essas descargas como sinais mágicos, cuja emissão realiza prontamente a percepção da satisfação naturalmente graças a uma ajuda externa, da qual a criança não tem, aliás, a menor suspeita). O que a criança sente subjetivamente no decorrer desses processos assemelha-se, provavelmente ao que experimenta um verdadeiro mágico que apenas precisa fazer um gesto para provocar a seu bel-prazer, no mundo externo, os mais complexos eventos (12).

Assinale-se que a onipotência do ser humano está vinculada a “condições” cada vez mais numerosas, à medida que aumenta a complexidade dos seus desejos. Em breve essas manifestações por descarga não bastam mais para provocar o estado de satisfação. Os desejos, que assumem formas cada vez mais específicas à proporção do desenvolvimento, exigem sinais

especializados correspondentes. Tais são eles, em primeiro lugar, a imitação com a boca dos movimento de sucção quando o bebê deseja ser alimentado e as manifestações características, com a ajuda da voz e de contrações abdominais, quando deseja ser trocado. A criança também aprende progressivamente a estender a mão para os objetos que cobiça. Resulta daí uma verdadeira linguagem gestual: por uma combinação apropriada de gestos, torna-se capaz de exprimir necessidades muito específicas, as quais, na grande maioria das vezes, serão efetivamente satisfeitas; de modo que a criança – desde que respeite a condição que consiste em exprimir o desejo mediante gestos correspondentes – pode continuar a crer-se onipotente: é o período da onipotência com a ajuda de gestos mágicos.

Esse período tem igualmente um equivalente em patologia. O salto surpreendente do mundo do pensamento para os dois processos somáticos que Freud descobriu na conversão histérica(13) fica esclarecido se o concebermos como uma regressão ao estágio da magia gestual. Com efeito, segundo a psicanálise, as crises histéricas representam, com a ajuda de gestos, a realização de desejos recalçados. Na vida psíquica do indivíduo normal, os inúmeros gestos supersticiosos ou pretensamente eficazes (gestos de maldição, de benção, mãos juntas para a prece, etc.) são resíduos pertencentes ao período do sentido de realidade em que nos sentíamos ainda suficientemente poderosos para violar, com a ajuda desses gestos anódinos, a ordem normal do universo de cuja existência, a bem dizer, não suspeitávamos. Mágicos, adivinhos e magnetizadores ainda encontram crédito quando afirmam esse poder absoluto de seus gestos; sem esquecer o napolitano, que se protege do mau-olhado mediante um gesto simbólico.

Com o recrudescimento das necessidades tanto em quantidade como em complexidade vão multiplicar-se não só as “condições” a que o indivíduo deverá submeter-se se quiser ver suas necessidades satisfeitas, mas também os casos em que seus desejos, cada vez mais ousados, não se realizarão, mesmo respeitando escrupulosamente as condições outrora eficazes. A mão estendida é, com freqüência, recolhida vazia, o objeto cobiçado não acompanha o gesto mágico. E mesmo uma potência adversa e invencível pode opor-se pela força a esse gesto e coagir a mão a retomar sua posição anterior. Se até então o ser “onipotente” podia sentir-se uno com o universo que lhe obedecia e seguia os seus sinais, uma discordância dolorosa vai produzir-se pouco a pouco no seio de sua vivência. É obrigado a distinguir do seu ego, como constituindo o mundo externo, certas coisas malignas que resistem à sua vontade, ou seja, a separar os conteúdos psíquicos subjetivos (sentimentos) dos conteúdos objetivos (impressões sensoriais). Chamei antes fase de introjeção do psiquismo ao primeiro desses estágios, quando todas as experiências ainda estão incluídas no ego, e fase de projeção ao estágio que se lhe segue(14). De acordo com esta terminologia, poderíamos designar os estágios de onipotência como fases de introjeção, e o estágio de realidade como fase de projeção do desenvolvimento do ego.

Entretanto, nem mesmo a objetivação do mundo externo desfaz de chofre todos os vínculos entre o eu e o não-eu. A criança aprende, por certo, a contentar-se com o fato de dispor apenas de uma parte do mundo, o “ego”, ao passo que o resto, o mundo externo, resiste freqüentemente aos seus desejos, mas isso não o impede de continuar investindo o mundo externo com qualidades que descobre em si mesma, ou seja, qualidades do ego. Tudo parece indicar que a criança atravessa um período animista na sua apreensão da realidade, período em que todas as coisas se lhe apresentam como animadas e em que tenta reencontrar em cada coisa seus próprios órgãos ou seu funcionamento(15).

Foi feito, certa vez, contra a psicanálise, o comentário irônico de que, segundo essa teoria, o “inconsciente” veria em todo objeto convexo um pênis e em todo objeto côncavo uma vagina ou um ânus. Na minha opinião, essa sentença define muito bem as coisas. O psiquismo da criança (e a tendência do inconsciente que subsiste no adulto) confere – no que se refere ao próprio corpo – um interesse inicialmente exclusivo, mais tarde preponderante, pela satisfação de suas pulsões, pelo gozo que lhe propiciam as funções de excreção e atividades tais como chupar, comer, tocar as zonas erógenas. Nada tem de surpreendente que sua atenção seja atraída, em primeiro lugar, para as coisas e os processos do mundo externo que lhe recordam, em virtude de uma semelhança mesmo longínqua, suas experiências mais caras.

Assim se estabelecem essas relações profundas, persistentes a vida inteira, entre o corpo humano e o mundo dos objetos, a que chamamos relações simbólicas. Nesse estágio, a criança só vê no mundo reproduções de sua corporalidade e, por outro lado, aprende a figurar por meio de seu corpo toda a diversidade do mundo externo. Essa aptidão para a figuração simbólica representa um aperfeiçoamento importante da linguagem gestual; ela permite à criança assinalar não só os desejos que envolvem diretamente seu corpo, mas exprimir também desejos que se relacionam com a modificação do mundo externo, doravante reconhecido como tal. Se a criança é tratada com amor, não será obrigada, mesmo nesse estágio de sua existência, a abandonar sua ilusão de onipotência. Ainda lhe basta figurar simbolicamente um objeto para que a coisa (considerada como animada) “venha” até ele, de fato, num grande número de casos; sem dúvida, é essa a impressão que a criança tem nessa fase de pensamento animista, quando seus desejos são satisfeitos. Entretanto, a incerteza quanto ao aparecimento da satisfação faz com que pressinta, pouco a pouco, que também existem potências superiores, “divinas” (mãe ou ama-de-leite), cujas boas graças é necessário conquistar para que a satisfação se siga prontamente ao gesto mágico. Entretanto, a satisfação obtém-se com facilidade, sobretudo com um meio particularmente conciliador.

Um dos “meios” físicos utilizados pela criança para figurar seus desejos e os objetos que cobiça adquire então especial importância, sobrepondo-se a todos os outros modos de representação: é a linguagem. Em sua origem(16), a linguagem é a imitação, ou seja, a reprodução vocal de sons e ruídos produzidos pelas coisas ou que se produzem por intermédio delas; a habilidade dos órgãos da fonação permite reproduzir uma diversidade muito maior de objetos e processos do mundo externo, e fazê-lo de um modo mais simples do que pela linguagem gestual. O simbolismo gestual é substituído, portanto, pelo simbolismo verbal: certas seqüências de sons são postas em estreita relação associativa com coisas e processos determinados, e são até progressivamente identificados com eles. É o ponto de partida de um importante avanço: tomam-se inúteis a laboriosa representação por imagens e a encenação dramática, ainda mais laboriosa; a concepção e a representação dessas séries de fonemas chamadas palavras permitem uma versão muito mais econômica e preciosa dos desejos. Ao mesmo tempo, o simbolismo verbal torna possível o pensamento consciente na medida em que, associando-se aos processos de pensamento, em si mesmo inconscientes, confere-lhes qualidades perceptíveis(17).

O pensamento consciente por meio de signos verbais é, portanto, a mais alta realização do aparelho psíquico, a única que permite a adaptação à realidade, retardando a descarga motora reflexa e a libertação do desprazer. Apesar de tudo, a criança chega ainda a preservar, mesmo nesse estágio do seu desenvolvimento, o seu sentimento de onipotência. Com efeito, os desejos que a criança concebe sob a forma de pensamento ainda são tão pouco numerosos e relativamente tão pouco complexos que o meio atento e empenhado no bem-estar da criança consegue facilmente adivinhar a maior parte de seus pensamentos. As mímicas que acompanham em geral o pensamento (sobretudo nas crianças) facilitam muito para os adultos essa espécie de leitura dos pensamentos. E se, além disso, a criança formula seus desejos em palavras, seu dedicado meio apressa-se em realizá-los rapidamente. Quanto à criança, ela acredita realmente deter poderes mágicos; encontra-se no período dos pensamentos e palavras mágicos(18).

é para esse estágio do sentido de realidade que parecem regredir os neuróticos obsessivos, incapazes de se desfazerem do sentimento de onipotência de seus pensamentos ou de suas fórmulas verbais e que, como Freud nos mostrou, colocam o pensamento no lugar da ação. Na superstição, na magia e no culto religioso, a fé no poder irresistível de certas preces e orações, pragas, maldições e fórmulas mágicas – que basta pensar intimamente ou pronunciar em voz alta para que surtam efeito – desempenha um papel considerável(19).

Essa megalomania quase incurável do ser humano só na aparência é desmentida por certos neuróticos cuja busca febril de sucesso rapidamente revela-se como encobridora de um sentimento de inferioridade (Adler) muito conhecido dos próprios pacientes. Em todos os casos desse gênero, a análise em profundidade mostra que esses sentimentos de inferioridade, longe de constituírem a explicação última da neurose, já são reações a um sentimento excessivo de onipotência em que esses pacientes se fixaram na sua infância e que, mais tarde, impede-os de suportar qualquer frustração. A ambição manifesta desses sujeitos nada mais é do que um “retorno do recalçado”, uma tentativa desesperada de recuperação, modificando o mundo externo, da onipotência de que desfrutavam originariamente sem esforço.

Não é demais repetir: todas as crianças vivem na feliz ilusão da onipotência de que efetivamente se beneficiaram outrora – ainda que isso ocorresse tão-só no seio materno. Depende do “Daimon” e do “Tyche” delas poderem conservar esses sentimentos de onipotência ao longo da vida e converterem-se em otimistas, ou irem engrossar o contingente dos pessimistas, que jamais aceitam renunciar a seus desejos inconscientes irracionais, sentem-se ofendidos e rejeitados pelas razões mais fúteis, e consideram-se crianças deserdadas da sorte – porque não podem continuar sendo seus filhos únicos ou preferidos.

Só depois que a criança fica completamente desligada de seus pais no plano psíquico é que, diz Freud, cessa o reinado do princípio de prazer. E também nesse momento, extremamente variável segundo os casos, que o sentimento de onipotência cede lugar ao pleno reconhecimento do peso das circunstâncias. O sentido de realidade atinge o seu apogeu na ciência onde, em contrapartida, a ilusão de onipotência cai para o seu nível mais baixo; a antiga onipotência dissolve-se em meras “condições” (condicionalismo, determinismo). Encontramos, porém, na teoria do livre-arbítrio, uma doutrina filosófica otimista que ainda realiza as fantasias de onipotência.

Reconhecer que os nossos desejos e pensamentos estão condicionados, significa o máximo de projeção normal, ou seja, de objetivação. Existe, porém, uma doença psíquica, a paranóia, que se caracteriza, entre outras coisas, pelo fato de transferir para o mundo externo, de projetar, até mesmos seus próprios pensamentos e desejos(20). Ao que parece, poder-se-ia situar o ponto de fixação dessa psicose na época da renúncia definitiva à onipotência, ou seja, na fase de projeção do sentido de realidade.

Até o presente momento, apresentamos os estágios do desenvolvimento do sentido de realidade somente em termos de pulsões egoístas, as chamadas “pulsões do ego”, que estão a serviço da autoconservação; ora, a realidade, como foi constatado por Freud, tem justamente relações mais profundas com o “ego” do que com a sexualidade, em parte porque esta é mais independente do mundo externo (durante muito tempo, pode satisfazer-se de modo auto-erótico), e também em parte porque é reprimida durante o período de latência e não mantém qualquer contato com a realidade. Portanto, a sexualidade permaneceria, durante a vida inteira, mais submetida ao princípio de prazer, ao passo que o “ego” sofreria logo a mais amarga das decepções a cada desconhecimento da realidade(21). Considerando agora sob o ângulo do desenvolvimento sexual o sentimento de onipotência que caracteriza o estágio-prazer, constatamos que o “período da onipotência incondicional” dura até o abandono dos modos de satisfação auto-eróticos, sendo que nessa época o “ego” já se encontra há muito tempo adaptado às condições cada vez mais complexas da realidade e, após ter superado os estágios dos gestos e palavras mágicos, já está prestes a reconhecer a onipotência das forças da natureza. O auto-erotismo e o narcisismo são, pois, os estágios da onipotência do erotismo; e, como o narcisismo jamais cessa, mas subsiste sempre ao lado do erotismo objetual, pode-se dizer – na medida em que nos limitamos a amar-nos a nós mesmos – que em matéria de amor é possível conservar a vida inteira a ilusão de onipotência. O fato de que o caminho do narcisismo seja igualmente o caminho da regressão, o qual permanece sempre acessível após toda decepção infligida por um objeto de amor, é por demais conhecido para que tenhamos necessidade de demonstrá-lo. Nos sintomas da parafrenia (demência precoce) e da histeria, podemos supor regressões auto-eróticas e narcísicas, ao passo que encontraremos provavelmente os pontos de fixação da neurose obsessiva e da paranóia num certo nível de desenvolvimento da “realidade erótica” (necessidade de encontrar um objeto).

A bem dizer, essas relações ainda não foram suficientemente estudadas para todas as neuroses, e temos, por conseguinte, de nos contentar, no que se refere à escolha da neurose, com a formulação geral de Freud, em cujos termos o tipo de distúrbio posterior é determinado em função “da fase de desenvolvimento do ego e da libido onde se produziu a inibição do desenvolvimento predisponente”.

Mas nós já podemos tentar completar essa proposição com uma segunda. Segundo a nossa hipótese, o teor em desejos da neurose, ou seja, os modos e os, objetivos eróticos que os sintomas representam como consumados, dependem da fase em que se encontrava o desenvolvimento da libido no momento da fixação; quanto ao mecanismo das neuroses, é provavelmente determinado pelo estágio de desenvolvimento do ego em que o indivíduo se encontrava no momento da inibição predisponente. Aliás, pode-se imaginar que o estágio evolutivo do sentido de realidade predominante no momento da fixação ressurgir nos mecanismos da formação de sintomas, quando ocorre uma regressão da libido para estágios anteriores. E como o ego atual do neurótico não compreende esse modo antigo de “prova da realidade”, nada impede que tal modo seja colocado a serviço do recalçamento e sirva para representar os complexos de pensamentos e afetos censurados. De acordo com essa concepção, a histeria e a neurose obsessiva, por exemplo, seriam caracterizadas, por um lado, pela regressão de libido a estágios anteriores da evolução (auto-erotismo, edipismo); por outro, no que se refere aos seus mecanismos, por um retorno do sentido de realidade ao estágio dos gestos mágicos (conversão) ou dos pensamentos mágicos (onipotência do pensamento). Repetimos: ainda há muito a fazer antes de se estabelecer com certeza absoluta os pontos de fixação de todas as neuroses. No que precede quis somente indicar uma solução possível – e, na minha opinião, plausível.

Quanto ao que supomos da filogênese do sentido de realidade, é possível que se trate, de momento, de mera profecia científica. Sem dúvida, conseguir-se-á um dia estabelecer um paralelo entre, por um lado, os diferentes estágios evolutivos do ego, bem como seus tipos de regressão neuróticos, e, por outro, as etapas percorridas pela história da espécie humana, tal como Freud, por exemplo, reencontrou na vida psíquica de povos primitivos os traços de caráter dos neuróticos obsessivos(22).

O desenvolvimento do sentido de realidade apresenta-se em geral como uma série de sucessivos impulsos de recalçamento, aos quais o ser humano é forçado pela necessidade, pela frustração que exige a adaptação, e não por “tendências para a evolução” espontâneas. O primeiro grande recalçamento torna-se necessário pelo processo de nascimento que, com toda a certeza, faz-se sem colaboração ativa, sem “intenção” por parte da criança. O feto preferiria muito permanecer ainda na quietude

do corpo materno, mas é implacavelmente posto no mundo, deve esquecer (recalcar) seus modos de satisfação preferidos e adaptar-se a outros. O mesmo jogo cruel repete-se a cada novo estágio do desenvolvimento(23).

Talvez se pudesse arriscar a hipótese de que foram as modificações geológicas da crosta terrestre, e suas conseqüências catastróficas para os ancestrais da espécie humana, que forçaram o recalçamento dos hábitos preferidos e abriram o caminho para a “evolução”. É possível que essas catástrofes tenham constituído pontos de recalçamento na história da evolução da espécie, e sua intensidade e localização no tempo podem ter determinado o caráter e as neuroses da espécie. Segundo uma observação do professor Freud, o caráter da espécie é o precipitado da história da espécie. Pois que já nos aventuramos tão longe no campo dos conhecimentos incertos, não recuaremos agora diante de uma última analogia e colocaremos o grande impulso de recalçamento individual, o período de latência, em relação com a última e mais importante das catástrofes que se abateram sobre os nossos ancestrais (numa época em que certamente já existiam seres humanos na Terra), com a calamidade da era glacial que repetimos ainda fielmente em nossa vida individual(24).

Esse desejo impetuoso de tudo saber, que me arrastou neste último parágrafo para as lonjuras fabulosas do passado e me fez superar com a ajuda de analogias o que ainda nos escapa, devolve-me ao ponto de partida destas considerações, ao problema do apogeu e declínio do sentimento de onipotência. Como já dissemos, a ciêna deve renunciar a essa ilusão Ou, pelo menos, deve saber sempre em que momento penetra no domínio das hipóteses e fantasias. Nos contos, em compensação, as fantasias de onipotência continuam senhoras absolutas(25). Aí mesmo onde devemos inclinar-nos com profunda humildade diante das forças da natureza, é onde o conto acode em nosso socorro com seus temas típicos. Na realidade, somos fracos, vulneráveis, os heróis dos contos serão, portanto, fortes e invencíveis; somos limitados pelo tempo e pelo espaço em nossa atividade e em nosso saber: nos contos vivese eternamente, está-se em mil lugares ao mesmo tempo, prevê-se o futuro e conhece-se o passado. O peso, a dureza e a impenetrabilidade da matéria constituem a todo instante obstáculos em nosso caminho, mas o homem, em seus contos, dispõe de asas, seu olhar trespassa paredes, sua vara de condão abre todas as portas. A realidade é um duro combate pela existência: basta no conto pronunciar alguma palavra mágica: “Abre-te, Sésamo!” Vivemos no perpétuo temor de ser atacados por animais perigosos ou inimigos ferozes: o manto mágico do conto permite todas as transformações e coloca-nos rapidamente fora do alcance. Como é difícil na realidade alcançar um amor que preencha todos os nossos desejos! Mas o herói do conto é irresistível ou então seduz com um gesto mágico.

Assim, o conto, no qual os adultos descrevem de bom grado para seus filhos pequenos seus próprios desejos insatisfeitos e recalçados, oferece, na verdade, uma representação artística extrema da situação perdida de onipotência.

© Revista de Psicanálise – SPPA

---

\* Sandor Ferenczi. Obras Completas, Vol. II, cap. VIII. Ed. Martins Fontes.

1. Freud: “Formulierungen über die zwei Principien des psychischen Geschehens” (Formulações sobre os dois princípios do funcionamento psíquico), 1911 (Ges. Schr., vol. v, p. 409).
2. Freud: “Remarques sur un cas de névrose obsessionnelle” (Cinq psychanalyses, P.U.F.)
3. Este artigo foi escrito antes que se pudesse considerar o estudo de Freud sobre “Animismo, magia e onipotência do pensamento” (Totem e Tabu, 1913), onde ele trata do mesmo assunto desde um ponto de vista diferente.
4. S. Freud: “Die Abwehr-Neuropsychosen” (As psiconeuroses de defesa), 1893, e “Obsessões e fobias”, 1895 (Ges. Schr., vol. I).
5. Sabe-se que as crianças pequenas estendem a mão de maneira quase reflexa para todo objeto brilhante ou que, por alguma outra razão, lhes agrada. No começo, são mesmo incapazes de abster-se de uma “inconveniência” que lhes propicie um prazer qualquer, caso uma excitação nesse sentido se apresente. Um menino a quem sua mãe proibia de meter os dedos no nariz, respondeu-lhe: “Eu não quero, é a minha mão que quer e não consigo detê-la.”
6. É assim que Silberer designa as autopercepções representadas simbolicamente.
7. Ges. Schr., vol. I, p. 411, nota. Ver também a controvérsia entre Bleuler e Freud a respeito desse problema (Bleuler, “Das autistische Denken” (O pensamento autístico), Jahrbuch, vol. IV).
8. Como resultado de perturbações devidas, por exemplo, à doença ou a uma afecção da mãe ou do cordão umbilical, a necessidade pode abater-se sobre o indivíduo desde a vida intra-uterina, despojá-lo de sua onipotência e forçá-lo a tentar “modificar o mundo externo”, em outras palavras, a efetuar um trabalho. Esse trabalho pode consistir em inspirar o líquido amniótico em caso de ameaça de sufocação.
9. Freud indicou, de passagem, que as sensações da criança durante o nascimento provocam, provavelmente, o primeiro afeto de angústia do recém-nascido, aquilo que ficará sendo o protótipo de toda angústia, de toda ansiedade posteriores.
10. Freud: “Formulações sobre os dois princípios...”, op. cit.
11. Freud: A Interpretação de Sonhos.
12. Se procuro um equivalente destas descargas na Patologia, “penso inevitavelmente na epilepsia essencial, a mais problemática das grandes neuroses. E se admito que, no tocante à epilepsia é difícil separar o fisiológico, permitir-me-ei, entretanto, assinalar que os epiléticos passam por ser indivíduos extremamente sensíveis cuja docilidade se converte ao menor pretexto, numa fúria e numa sede de dominação assustadoras. Até agora, esse traço de caráter era geralmente interpretado como um efeito secundário, uma conseqüência de crises frequentes. Mas cumpre ponderar também uma outra possibilidade, a crise epiléptica não poderia ser considerada uma regressão ao período infantil da realização do desejo por movimentos descoordenados? Os epiléticos seriam portanto, indivíduos cujos afetos de desprazer acumulam-se e ab-reagem periodicamente em crises paroxísmicas. Se esta explicação for comprovadamente válida, deveremos situar o ponto de fixação de uma futura crise epiléptica nesse estágio de expressões dos desejos. A pateada irracional o crisar dos punhos, o ranger de dentes, etc. que acompanham as explosões de cólera da maioria das pessoas, sob todos os demais aspectos tidas por saudáveis, seriam meras formas atenuadas dessa mesma regressão.
13. Cf. Os trabalhos de Freud em “Estudos sobre a histeria”.
14. Cf. “Transferência e introjeção”, 1909, Ferenczi, O. C., vol. I, p. 77.
15. Cf. sobre o animismo, o ensaio de H. Sachs, “Über Naturgefühl” (O sentimento da natureza), Imago, I, 1912.
16. Cf. Klcinpaul, Leben der Sprache, Leipzig, 1893; e Dr. Sperber, “Ober dein Einfluss sexueller Momente auf Entstehung und Entwicklung der Sprache”, Imago, I, 1912.
17. S. Freud, A Interpretação de Sonhos. (NTF: Nesta última frase, o texto húngaro permite-nos retificar o que, no texto alemão, parece ser um “pastel”.)
18. A interpretação psicológica da “magia!” não exclui, bem entendido, a possibilidade de que haja igualmente nessa crença um pressentimento de fatos físicos (telepatia, etc.).
19. Essa “onipotência” (“força motriz”) é também muito característica das palavras obscenas, cf. o meu artigo “Palavras obscenas”, O. C., vol. I, p. 109.
20. “Die Abwehrmeuropsychosen” (As psiconeuroses de defesa), 1894 (Ges. Schr., vol. I). Freud. “Remarques psychanalytiques sur un cas de paranoia” (Cinq psychanalyses, P.U.F.) e Ferenczi: o papel da homossexualidade na patogênese da paranóia”. vol. I desta edição.
21. Freud: “Formulation sur les deux principes”, op.cit.
22. Freud: Totem e Tabu. “Algumas considerações sobre a vida psíquica dos selvagens e dos neuróticos”, 1912-13.
23. Se seguirmos este raciocínio até o fim, é preciso considerar a existência de uma tendência para a inércia ou de uma tendência para a regressão, dominando a própria vida orgânica: a tendência para a evolução, para a adaptação, etc., dependeria, pelo contrário, unicamente de estímulos externos.
24. A concepção segundo a qual o abandono de mecanismos familiares (evolução) nunca é provocado por uma tendência espontânea, mas unicamente pela coerção externa, parece desmentida pelos casos em que a evolução precede as necessidades reais. O desenvolvimento do mecanismo respiratório ainda na vida intra-uterina seria um exemplo disso. Mas isso só se produz na ontogênese, o que já se pode considerar como recapitulação de um processo evolutivo comandado pela necessidade na história da espécie. Os exercícios lúdicos dos animais (Gross) não são rudimentos de uma futura função da espécie, mas igualmente repetições de aptidões adquiridas filogeneticamente. Portanto, deixam lugar para uma explicação puramente causal e histórica, e não acarretam obrigatoriamente um ponto de vista finalista.
25. Cf. Fr. Riklin, “wunscherfüllung und Symbolik in Märchn” (Realização de desejos e simbolismo nos contos de fadas).